

* LEMBRANÇAS E AFECTOS *

A AMIZADE TAMBÉM É MEMÓRIA



COORDENAÇÃO DE
ANA COSTA LOPES e ROBERTO CARNEIRO

CENTRO DE ESTUDOS DOS POVOS E CULTURAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

LISBOA 2016

V-III-MCMXXXVI

XXIII-IX-MMXV

**LEMBRANÇAS E
AFECTOS**

**«A AMIZADE TAMBÉM É
MEMÓRIA»**

**COORDENAÇÃO DE
ANA COSTA LOPES, ROBERTO CARNEIRO**

**CENTRO DE ESTUDOS DOS POVOS E CULTURAS DE
EXPRESSÃO PORTUGUESA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**LISBOA
2016**

FICHA TÉCNICA

Título Lembranças e Afectos. «A Amizade também é Memória»

Coordenação Ana Costa Lopes, Roberto Carneiro

Editor C.E.P.C.E.P. – Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa
Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima – 1649-023 Lisboa
Tel. 2172141333
e-mail: cepcep@fch.lisboa.ucp.pt

Tiragem 120 exemplares

Data de Publicação Outubro de 2016

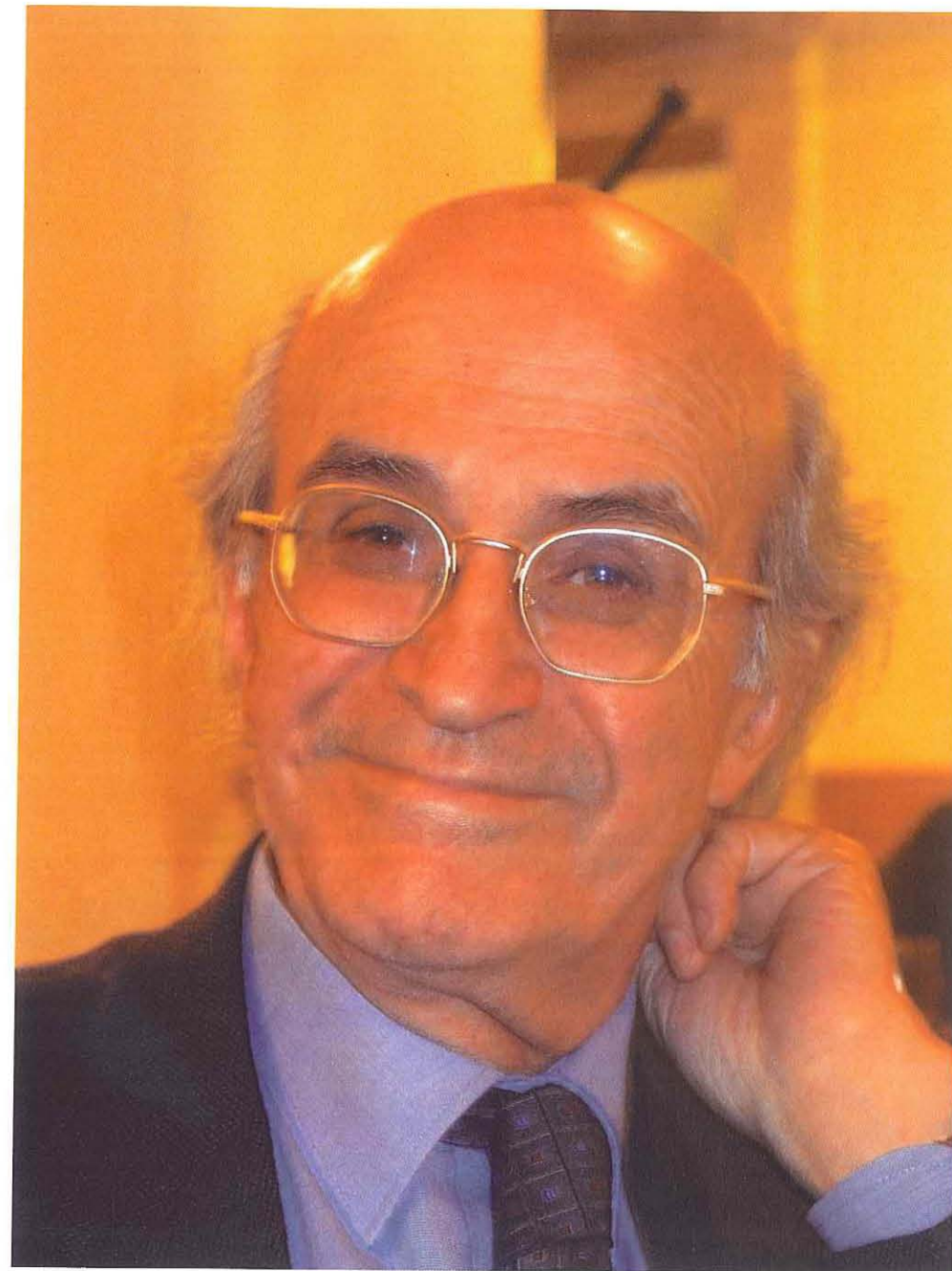
Deposito Legal 412714/16

ISBN 978-972-9045-38-7

Impressão Duplix

Capa Fernando Mendes

Imagem da Capa Teresa Carneiro



*MEMORIAL COM VIDA E COR**HOMENAGEM AO Pe. MÁRIO FERREIRA LAGES*

Estas são palavras de rememoração, de homenagem e de testemunho relativamente a um Homem bom, o Pe. Mário Ferreira Lages, de boa memória, com quem me cruzei quase diariamente durante parte significativa da minha vida académica, na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. O Pe. Mário Lages, em primeiro lugar, foi para mim uma figura adjuvante na resolução de questões burocráticas e administrativas, quando eu era aluno e ele membro da Comissão Instaladora da novel Faculdade de Ciências Humanas; foi depois meu Professor no Curso de Filosofia da mesma Faculdade e, mais tarde ainda, quando ali comecei a dar aulas, era um Colega mais velho que sempre manifestava interesse pelo que eu fazia e de quem também sempre escutei conselho avisado.

Quando recebi a notícia da triste e inesperada morte do Pe. Mário Lages, muitas dessas imagens esmaecidas e arrecadadas no fundo da memória vieram de novo ao de cima, à boca de cena, e como que ganharam vida e cor. Entrei pela primeira vez na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, no dia 2 de outubro de 1986, uma 5ª feira, expressamente para me matricular na Faculdade de Teologia. Não tenho muitas memórias de então, até porque pouco tempo depois saí para o estrangeiro. E é só dois ou três anos depois, em 1988 ou 1989, não posso precisar com exatidão, apesar de ter vasculhado papéis que poderiam dar uma ajuda, que devo ter conhecido o Pe. Lages, já que é dessa época que tenho dele fiapos de recordações. Dessa

* Aluno e Colega na Universidade Católica Portuguesa.

altura, o que posso testemunhar é que sempre foi um homem pronto para escutar e para ajudar os estudantes. Era um homem simples, bastante discreto e sempre atento.

É, porém, das suas aulas de Sociologia da Educação que guardo mais viva memória. O Professor Mário Lages gostava de dar aulas, gostava de explicar com minúcia, detalhes e exemplos concretos as noções em causa (Estado, sociedade, comunidade, cultura, civilização, instituições totais, violência simbólica, coerção, reprodução social, crença, liderança, etc.) e suas relações históricas e sociológicas. Nunca apagava nos alunos a torcida que parecia começar a fumar; ao invés, soprava no pavio para que se acendesse, mesmo quando com bonomia e bom humor verificava que estava ainda muito verde ou molhado para arder por si... E também não esmagava a cana rachada, pois ficava a pensar no que se lhe dizia, tentando ver as razões aduzidas, se as havia. E às vezes, no fio do pensamento, recuperava numa aula posterior uma dúvida ou uma observação que alguém tinha colocado em aulas anteriores. Neste contexto, devo dizer que o que recordo mais vivamente e com maior prazer foi a explicação detalhada das noções de «dominação masculina» e de «violência simbólica» de Pierre Bourdieu. Foi ele quem, pela primeira vez, me falou e deu a conhecer este autor (e também J.-C. Passeron), e foi também ele quem me acicou positivamente para que eu não ficasse pelas fotocópias e os apontamentos e fosse ler diretamente os textos do autor. Assim, pela sua mão li *La Reproduction. Eléments pour une Théorie du Système d'Enseignement*, texto que me deu muito que pensar e que fez tomar então consciência de mecanismos sociais que reconhecia em ação, mas em que nunca tinha pensado. O Pe. Mário Lages fez parte de uma grande geração de Professores da Católica (alguns ainda vivos, felizmente) que não tinha medo de colocar os seus alunos em contacto direto com os textos ditos mais “perigosos”, fossem eles de Feuerbach, Marx, Nietzsche, Freud, Weber, Lévi-Strauss, Foucault, Bordieu, etc. Apesar de (ou talvez em razão de...) a maior parte deles ter sido formada no tempo em que o *Index Librorum Prohibitorum* ainda estava vigente e tinha força canónica, e Kant

era proibido nos Seminários!, neles não havia qualquer medo de ler, de pensar e de fazer pensar os outros. Sei que, mais tarde, quando fui convidado para ficar a dar aulas na U.C.P., a sua opinião a esse respeito foi muito positiva. Sinto-me, pois, muito grato a todos eles por ter feito parte dessa geração de alunos e dessa Escola de Saber. Esta é a maior homenagem que lhe(s) posso prestar: procuraram ser homens livres para poderem libertar aqueles alunos e alunas que lhes chegavam cheios de preconceitos. E nele, como noutros, penso que isso não era desligável da sua mundividência crente e cristã. Como sacerdote, professava e acreditava na verdade do Evangelho. Mas não havia nele qualquer pressa endoutrinadora, catequizante ou proselitista. «Conhecereis a verdade», e é a «verdade que vos libertará» (Jo 8, 32).

No que se refere ainda às aulas, estas como é sabido, são espaços vivos e nem sempre, quando nos lembramos de um ou outro Professor, aquilo que mais nos marcou nesse momento, ou a matéria que ele nos queria ensinar, foi o que ficou. Por vezes, as observações incidentais, uma obscura referência bibliográfica paralela, um comentário *en passant*, é aquilo que fica e permanece na ordem da rememoração e da hermenêutica retrospectiva que fazemos. A memória tem as suas planícies e os seus vastos palácios, como confessava Agostinho. Digo isto para trazer à colação apenas mais duas anotações a que provavelmente não dei grande importância na altura, mas que depois se revelaram significativas. Uma delas, não sei se foi nas suas aulas se foi em conversas no seu gabinete, no 5º andar da Biblioteca, no C.E.P.C.E.P., era sobre os cultos alentejanos à Lua, nos quais, entre outras coisas, relatava que as mulheres parteiras, logo que um filho nascia de uma parturiente, o “expunham” ou apresentavam ao astro, por vezes em cima de uma telha. Assim ficavam protegidos de maleitas, quebranto, mau-olhado e quejandos. Eram diálogos deliciosos que prolongavam o seu trabalho de campo. Quando mais tarde me debrucei sobre os cultos lunares e da fecundidade no Médio Oriente antigo, amiúde esta conversa me vinha à mente. A outra, ainda mais decisiva, teve a ver com as *Teorias da*

Personalidade, quando nos explicava por que razão a magia era uma espécie de «técnica arcaica» que funcionava efetivamente em certas sociedades antigas (e mesmo actuais) desde que houvesse uma forte comunidade de crença onde era praticada. Foi o Professor Mário Lages quem me apresentou a teoria da *personalidade corporativa* segundo a qual a identidade é toda construída e se esgota nas relações que se estabelecem no grupo (à maneira das termiteiras ou dos enxames), razão pela qual nalgumas sociedades mesmo mais evoluídas (e onde há outras formas de “confirmar” a identidade, v.g., pela ‘alma’) a condenação ao ostracismo equivalia a uma sentença de morte. Embora não o tenha desenvolvido, este foi um tema que muito me interessou, depois, nas minhas investigações sobre a *peessoa* e a *relação*, no âmbito da Teologia e da Filosofia.

Enfim, a água que bebemos e nos sacia passou por muitos arroios e vem de muitas fontes. Nunca saberemos ao certo, talvez, por que razão na nossa vida nos encontramos um dia com certas pessoas e não com outras. Acaso? Providência? Necessidade? Graça? Livre arbítrio? Seja como for, alguns encontros são e foram um *kairós* de boas ocasiões, como foi o caso. No tempo longo, estatisticamente (e o Pe. Mário Lages era um apreciador da Estatística, muito se lhe devendo a fama que o Centro de Estudos Sondagens – então C.E.S.O.P. – granjeou na sociedade portuguesa), a maior probabilidade pende para que dois seres humanos que vêm ao mundo nunca se encontrem. Calharmos a viver coexistentes naquela fasquia de tempo que permite que nos encontremos, *hic et nunc*, já isso é quase uma lotaria cósmica e histórica. E se, além disso, ainda aconteceu termo-nos encontrado e partilhado anos da nossa vida (no caso foram cerca de 15 anos) tal pode mesmo comparar-se a um ‘milagre’ (no sentido em que H. Arendt usa o termo). Foi um bom ‘milagre’ ter conhecido e convivido com o Pe. Mário Ferreira Lages. STTL.